

# **INDISCIPLINA**

**Causas, Efeitos e Fatos**

*“É por isso que se mandam as crianças à escola: não tanto para que aprendam alguma coisa, mas para que se habituem a estar calmas e sentadas e a cumprir escrupulosamente o que se lhes ordena, de modo que depois não pensem mesmo que têm de pôr em prática as suas ideias (Immanuel Kant).”*

**Gilson Xavier de Azevedo**  
**Gercimar Martins Cabral Costa**  
(Organizadores)

# **INDISCIPLINA**

## **Causas, Efeitos e Fatos**

2ª Edição  
Editora IGM  
2023



TRANSFORMANDO SEUS SONHOS EM REALIDADE

Simone Maria Zanotto

**Revisão**

Gercimar Martins

**Editoração**

**CONSELHO EDITORIAL**

Dr. Gilson Xavier de Azevedo

Dr. Helieder Côrtes Freitas

Dr. Marcos Roberto da Silva

Me. Gercimar Martins Cabral Costa

Ma. Maria da Felicidade Alves Urzedo

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A9941

AZEVEDO, Gilson Xavier de; COSTA, Gercimar Martins Cabral  
(Organizadores);

**INDISCIPLINA:** causas, efeitos e fatos. 2. ed. Quirinópolis: IGM,  
2023.

144 p.

Capa: <https://www.freepik.com>

ISBN: 978-65-80508-80-8

1. Educação. Lúdico. Aprendizagem.

CDU: 37.02

CDD: 102

---

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem estrita permissão do autor.

---

2023

---

## SUMÁRIO

### **CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL: COMO ENFRENTAR ESSE DESAFIO? \_\_\_\_\_ 10**

Hugo Leonardo Candido Silva  
Solange Maria Sabina de Carvalho

### **INDISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL \_\_\_ 30**

Elvânia Paula dos Santos Almeida  
Iara Maria Felipe Martins  
Sandra Freitas Dutra Queiroz

### **INDISCIPLINA EM SALA DE AULA NA VISÃO DE EDUCADORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS-GO \_\_\_\_\_ 56**

Maria Alice Borges Santos  
Priscila Siqueira

### **UM ESTUDO SOBRE A CONCEPÇÃO DA INDISCIPLINA EM RELAÇÃO AO CONTEXTO ESCOLAR \_\_\_\_\_ 92**

Dayla Késsia Rodrigues Gonzaga  
Núbia Pereira Aguiar

### **CAMINHOS DE SUPERAÇÃO DA INDISCIPLINA EM QUIRINÓPOLIS \_\_\_\_\_ 115**

Gilson Xavier de Azevedo

# INTRODUÇÃO

Como lidar com a indisciplina? É esta pergunta inquietante que irá conduzir todo o desenvolvimento deste projeto surge da indagação de acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia oferecido pela UEG e professores que lidam com esta questão nas escolas do município de Quirinópolis. Nas palavras de Aquino (1998):

Este certamente é o maior problema enfrentado pela escola brasileira nos dias de hoje, e que dá ao Brasil um lugar bastante desconcertante quando em comparação com os outros países. Mais precisamente, os índices de retenção e evasão escolar no país são semelhantes aos de países africanos como a Nigéria e o Sudão. Mais ainda, quando se investiga a qualidade do ensino ministrado entre aqueles que permaneceram na escola, o quadro não é menos desolador. A esse último efeito temos chamado de "fracasso dos incluídos".

Atualmente o termo indisciplina toma muitas formas e vertentes a serem consideradas no momento de um diagnóstico pedagógico preciso. Na percepção de Júlio Aquino (1996, p. 81): "O conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade".

A descrição dos temas será Descrição objetiva, com o apoio de literatura citada no texto, do problema focalizado, importância e relevância no contexto da área inserida e justificativa do projeto. Para que as propostas sejam consideradas de forma coerente, esta pesquisa terá como ponto de partida a compreensão que a indisciplina não é um problema centrado apenas no aluno ou que o mesmo seja responsabilidade única do professor e/ou da escola, como adverte Aquino (Ib): "[...] não se pode atribuir à clientela escolar a

responsabilidade pelas dificuldades e contratemplos de nosso trabalho, nossos "acidentes de percurso". Seria o mesmo que o médico supor que o grande obstáculo da medicina atual são as novas doenças, ou o advogado admitir que as pessoas que a ele recorrem apresentam-se como um empecilho para o exercício "puro" de sua profissão".

Segundo Artur Costa Neto vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de São Paulo, "As crianças mudaram, o mundo mudou, mas a escola permanece a mesma. A estrutura de trabalho da maioria das escolas é igualzinha à que eu presenciei como aluno há 50 anos. Acho que a maioria dos educadores está convencida de que é preciso mudar, mas muitos não sabem como. No entanto, é possível perceber alguns sinais de mudança" (Folha de São Paulo, 22. Jun. 06).

Seria também um erro partir da hipótese de que a geração atual é uma geração "sem limites" ou mesmo que o aluno de hoje é "desinteressado". Assim, a presente pesquisa irá investigar e desvelar a questão (e não o problema) da indisciplina, a partir das questões: do conhecimento a ser transmitido em sala, da relação aluno-professor, do contexto da sala de aula e da perspectiva do contrato pedagógico. "Por essa razão, talvez se possa entender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso ao qual se fixar, e como uma resposta, portanto, ao que se oferta ao aluno" (Aquino, 1998, p. 1).

As relações de poder envolvendo os cinco itens indicados acima, quase sempre encontram solução em um certo "vigiar e punir" os processos que se estruturam na anatomia política da escola. Na visão de Luciana Carvalho (2007), tais processos compreendem sobremaneira a um controle de corpos enfileirados, já que a disciplina e organização economiza tempo, facilita a vigilância, mas nem sempre produz saber. Para Elaine Novais (2004) ao citar Davis e Luna (1991, p. 69), pela autoridade reconhecida: "os alunos aprendem a regular seu próprio comportamento para garantir a apropriação do conhecimento escolar, no intuito de apreender criticamente a realidade, com o objetivo de transformá-la, isto é, tornam-se civilizadas". Segundo De La

Taille (1996, p. 21): “os alunos acham perfeitamente normal desertar de aulas por eles consideradas ‘maçantes’, e isto a despeito da qualidade intelectual da matéria dada e do professor”. Ainda para o educador (1998, p. 50) a educação “em vez de ser uma constante imposição de limites, só terá êxito se também for um estímulo”.

Entendido isto, no sentido de não ser apenas “mais um estudo” e sim um florescimento de soluções e sonhos educacionais possíveis para uma atuação profícua das futuras pedagogas que estão vivenciando o processo formativo, esta proposta se mostra extremamente relevante nos dias atuais, tendo em vista o fato de que esta questão além de recorrente, ele se expande enquanto problema gerando desconfortos, assédios, Bullying e outras situações a serem pensadas. Como adianta Garcia (1999, p. 103): "A indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Ao contrário, está ‘evoluindo’ nas escolas". Assim, sua relevância se mostra tanto no contexto acadêmico de onde parte, quanto o contexto escolar onde incide.

O primeiro capítulo desse livro trata das causas e consequências da indisciplina no Ensino Fundamental e discute embasado na concepção de que a indisciplina escolar infantil é um dos grandes desafios no universo escolar, tanto para estudantes e professores quanto para as famílias. Segundo os autores do estudo, Hugo e Solange, ao se falar sobre a indisciplina infantil, faz-se necessário no cenário atual, principalmente considerando-se as dificuldades que ela pode gerar no processo de ensino-aprendizagem, e o quanto isso pode afetar na construção das relações e prejudicar a sociabilização dos estudantes. Nesse sentido, pautando-se na hipótese de que fora criada uma cultura de “transferência de responsabilidade”, na qual os pais, ao levarem seus filhos para a escola, estão literalmente entregando-os por inteiro, esperando que naquele período na escola, o docente não somente ensine/leccione os conteúdos programados, mas

também eduque, afinal, criou-se um pensamento ordinário de que isso também é obrigação da escola.

No segundo capítulo Elvânia, Iara e Sandra discutem a questão da Indisciplina no Ensino Fundamental: algumas identificações perfazendo autores e concepções que ajudam a pensar em como aspectos psicofísicos podem influenciar nessa problemática.

No terceiro capítulo Maria Alice e Priscila abordam um estudo sobre indisciplina em sala de aula na visão de educadores de uma escola pública do município de Quirinópolis-GO, discutindo a centralidade temática desse livro.

No quarto capítulo, Dayla e Núbia considera a concepção de indisciplina a partir do contexto escolar e aponta algumas saídas para o problema.

No Quinto Capítulo, o Professor Gilson discute os caminhos de superação da indisciplina em um município no interior do Estado de Goiás. Trata-se de um estudo, desenvolvido em nove escolas estaduais do município e em três particulares quer com este recorte, entender um pouco mais a questão da indisciplina em sala de aula enquanto distúrbio ou não compreensão do conceito de autoridade, e captar dos profissionais que serão ouvidos, possíveis soluções, iniciativas e propostas que serão posteriormente socializadas em forma de artigos e colóquios.

# CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL: COMO ENFRENTAR ESSE DESAFIO?

Hugo Leonardo Candido Silva<sup>1</sup>

Solange Maria Sabina de Carvalho<sup>2</sup>

A indisciplina escolar infantil é um dos grandes desafios no universo escolar, tanto para estudantes e professores quanto para as famílias. Pesquisar sobre a indisciplina infantil faz-se necessário no cenário atual, principalmente considerando-se as dificuldades que ela pode gerar no processo de ensino-aprendizagem, e o quanto isso pode afetar na construção das relações, além de prejudicar a socialização dos estudantes. Por ser desafiador, porém não impossível, entende-se que este é um assunto de vital importância, sobretudo quando se considera a falta de interesse dos pais na vida acadêmica de seus filhos, ao passo que se foi criando uma cultura de “transferência de responsabilidade”, na qual os pais, ao levarem seus filhos para a escola, estão literalmente entregando-os por inteiro, esperando que naquele período na escola, o docente não somente ensine/leccione os conteúdos programados, mas também eduque, afinal, criou-se um pensamento ordinário de que isso também é obrigação da escola.

A escola é o local onde as crianças passam 04 (quatro) horas ininterruptas – ou mais – do seu dia em convivência com seus colegas, e o motivo de estarem ali não é apenas de se encontrarem para brincar ou socializar uns com os outros. No entanto, professores e professoras se deparam com essa situação diariamente, situação essa que não é facilmente resolvível por eles, isso porque, todos os dias as crianças,

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Pedagogia pela UEG CEAR – *e-mail*: hugoleonardocs@gmail.com

<sup>2</sup> Concluinte do Curso de Pedagogia pela UEG CEAR – *e-mail*: solangevalentina76@gmail.com

mesmo sabendo que a escola, precisamente a sala de aula, não é lugar de gracejos e zombarias, ainda assim vão tentar brincar uns com os outros, isso pode acabar causando desordem, barulho, bagunça, insubordinação. Essa situação é conhecida como indisciplina na sala de aula.

Segundo Dicio – Dicionário Online Português, a palavra indisciplina significa “ausência de disciplina; com desobediência; insubordinação; característica de quem não obedece aos preceitos, normas ou regras; comportamento que se opõe aos princípios da disciplina; desordem, bagunça”.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é abordar a questão da indisciplina no Ensino Fundamental, propondo uma análise e reflexão da atuação docente sobre o que pode ser feito para remediar esse mal que tanto dificulta a função do docente em sala de aula.

Parte-se para tal análise, neste artigo, questionar: O que gera a indisciplina no ambiente escolar? Quais as causas e consequências desse comportamento?

[...] a indisciplina que há nas salas de aula pode estar relacionada à falta de interesse dos estudantes na matéria, Eccheli afirma que os estudantes não se interessam nas aulas por serem aulas metódicas, que não prende a atenção dos estudantes, não os oferece nada de novo, é sempre mais do mesmo. (ECCHELI, 2008, p. 199).

Dessa forma, entende-se não ser plausível que os professores desenvolvam sempre aulas com padrões tradicionais do tipo “copiem do quadro”, “respondam que estarei vistando”, ou “o visto vale nota”, enfim, os professores precisam mudar essa postura e inovar na abordagem, de maneira a desenvolver a motivação dos estudantes. Para Campos, “motivar significa provocar movimento, atividade no indivíduo” (CAMPOS, 1987, p. 108 apud ECCHELI, 2008, p. 200), assim, os estudantes precisam estar motivados para que se interessem pela aula, uma vez tendo estudantes motivados, engajados na metodologia da aula proposta, entende-se que a indisciplina deixará de acontecer, afinal, se há interesse pela aula, não haverá motivos para ações disciplinares.

Ademais, Simone Deperon Eccheli (2008, p. 199) defende que “o professor é capaz de mudar o cenário de indisciplina que há nas

salas de aula com um posicionamento de organizador da aula, o professor deve organizar a aula de forma que o estudante sinta-se interessado no que está sendo proposto”. No contexto da autora citada, o professor precisa encarar sua turma como uma plateia de um grande auditório que o aguarda para uma palestra que mudará suas vidas para sempre, desta forma, o professor virá com sua aula já pronta e, como já conhece seu público-alvo, sabe o que seus estudantes precisam, é por isso que ele precisa compreender as características próprias de cada estudante, o que pode dar certo com um, pode não surtir o mesmo efeito em outro. E isso é difícil, entretanto, quem mais pode mudar o contexto indisciplinar de uma turma do que um professor(a) preparado(a)?

O professor não está só, toda a escola deve atuar em conjunto, o psicólogo pode ajudar muito, palestras, campanhas e ações educativas, com a participação dos pais, devem ser elaboradas, toda ajuda é bem-vinda. A escola, o(a) professor(a), o(a) psicólogo(a) pedagógico, os pais, enfim, todos devem participar dessa ação, uns são responsáveis por seus estudantes, outros são responsáveis por seus filhos. Se há participação, empenho, força de vontade de todos os envolvidos, não tem como não dar certo. É necessário desmistificar que a função da escola é cuidar do estudante enquanto os pais estão trabalhando, e que o professor é a figura que representa os pais nesse horário.

Para desenvolver o tema, trabalhou-se uma historiografia breve sobre a questão da indisciplina, além de alguns conceitos de disciplina/indisciplina. Por último, pensaram-se os desafios e as dificuldades que os profissionais da educação enfrentaram e ainda enfrentam na escola, em especial na sala de aula. As conclusões vão na linha de se pensar como possível a superação da indisciplina dos estudantes com uma mudança de ideologia por parte de quem faz a educação em sua prática, uma escola que reflete diariamente seu papel e suas abordagens, somando a criatividade e a superação de professores comprometidos, aliados a pais que assumem suas responsabilidades junto a seus filhos, assim, traz como resultado a melhoria significativa da educação ante ao tema proposto.

## 1 HISTORIOGRAFIA DO TEMA

A história da indisciplina mostra que o ensino e a forma de se ensinar sofreram mudanças ao longo dos anos. Momentos marcados por alguns dos grandes nomes da pedagogia mundial, teóricos mundialmente respeitados/reconhecidos, defendendo seu próprio conceito, tiveram sua maneira particular de enfrentar e entender a indisciplina, portanto, faz-se necessário caminhar um pouco pela história, visitando seus conceitos, suas intervenções e práticas pedagógicas. (LOPES; GOMES, 2012, p. 265).

De acordo com Dewey (1959), Freire (1985) e Estrela (2002), A idade antiga do mundo é marcada por uma educação tradicional que trazia como marca um estudante calado, quieto, atento, obediente e respeitador. Nota-se a submissão das crianças aos professores e diretores: acatamento total de suas decisões, tratamento reverencial e mesmo temeroso. A intervenção acontecia por meio de conferência ao estudante de notas baixas por “comportamento”, expressões injuriosas e castigos corporais. As práticas pedagógicas eram marcadas pelo magistrocentrismo, ou seja, centralizadas no professor e na sua autoridade, o que exigia ordem para que a mensagem não fosse perturbada por ruídos indesejáveis. (LOPES; GOMES, 2012, p. 266).

Na Educação Nova (1921), segundo Dewey (1859 - 1992), o conceito de disciplina era baseado no exercício da liberdade e da responsabilidade, era dispensado à coerção externa, acreditava-se e aplicava-se o autocontrole e o autogoverno. Nas intervenções, não se excluía as sanções, mas, as crianças submetiam-se a elas mais facilmente, isso porque as crianças haviam contribuído para elaborar as regras. Nas práticas pedagógicas, predominava a pedagogia ativa, que era baseada nos interesses do aluno, respeitando as teorias do desenvolvimento infantil. (LOPES; GOMES, 2012, p. 266).

Ainda sob a concepção da Educação Nova (1921), segundo Maria Montessori (1870 - 1952), a disciplina em seu conceito não era um fim, mas sim um caminho, a noção de ordem era diferente, o que não significava anarquia ou desordem. A intervenção existia, no entanto, a disciplina não poderia ser obtida por meio de sermões e ordens. A prática pedagógica era centrada na participação do aluno, incentivava-se a autonomia do aluno, o ambiente era interativo, os

alunos podiam manipular os materiais pedagógicos. (LOPES; GOMES, 2012, p. 267).

Na Educação Libertadora (1962), defendida por Freire (1921 – 1997), era aplicada a pedagogia do oprimido, o conceito de disciplina era pautado na relação entre o professor e o aluno, na qual a autoridade era encontrada na liberdade sadia de ambos. O diálogo era a forma de intervenção. A prática pedagógica era a educação problematizadora que estabelecia o diálogo como forma de comunicação pedagógica, o educador e o educando eram os sujeitos do processo. (LOPES; GOMES, 2012, p. 267).

Freinet (1960) e Estrela (2002) apresentam-nos a Educação Socialista (1917), apoiada por dois defensores, o primeiro, Makarenko (1888 – 1939), defendia que a disciplina era o resultado natural da ação social coletiva. A intervenção, “regras, prêmios e punições” eram estabelecidos pela assembleia geral, o principal órgão de gestão. A prática pedagógica era organizada em grupos de estudo, de modo a favorecer o sentimento de pertencimento àquela coletividade, havia a subordinação dos interesses individuais aos coletivos. O segundo defensor foi o próprio Freinet (1896 – 1966), o autor defendia que a disciplina era concedida como organização, planificação e, também, dinamismo e vida, para ele a indisciplina consistia num ato de rebelião contra a regra de vida coletiva e contra o grupo, sua manutenção era uma tarefa coletiva, acreditava que a indisciplina era provocada pelas falhas das estratégias pedagógicas. (LOPES; GOMES, 2012, p. 268).

A intervenção existia, porém, a disciplina não era imposta com sanções, era a consequência da organização do trabalho pelo professor, os conflitos eram regulados pelo grupo por meio de conselho cooperativo, a regra era: cada um podia criticar e ser criticado, incluindo o professor. As práticas pedagógicas eram da classe cooperativa, o conselho cooperativo da turma – os alunos refletiam de modo concreto sobre os problemas de natureza legislativa e executiva ligados a qualquer tipo de trabalho, as atividades eram organizadas escutando os desejos dos alunos, o educador e o educando tinham uma relação de diálogo, numa postura liberal. (LOPES; GOMES, 2012, p. 268).

Na década de 1960 aconteceram duas correntes pedagógicas, a primeira foi a Pedagogia Institucional defendida por Lobrot (1924) Lapassade (1924 - 2008) e Lourau (1933 - 2000), para eles a disciplina